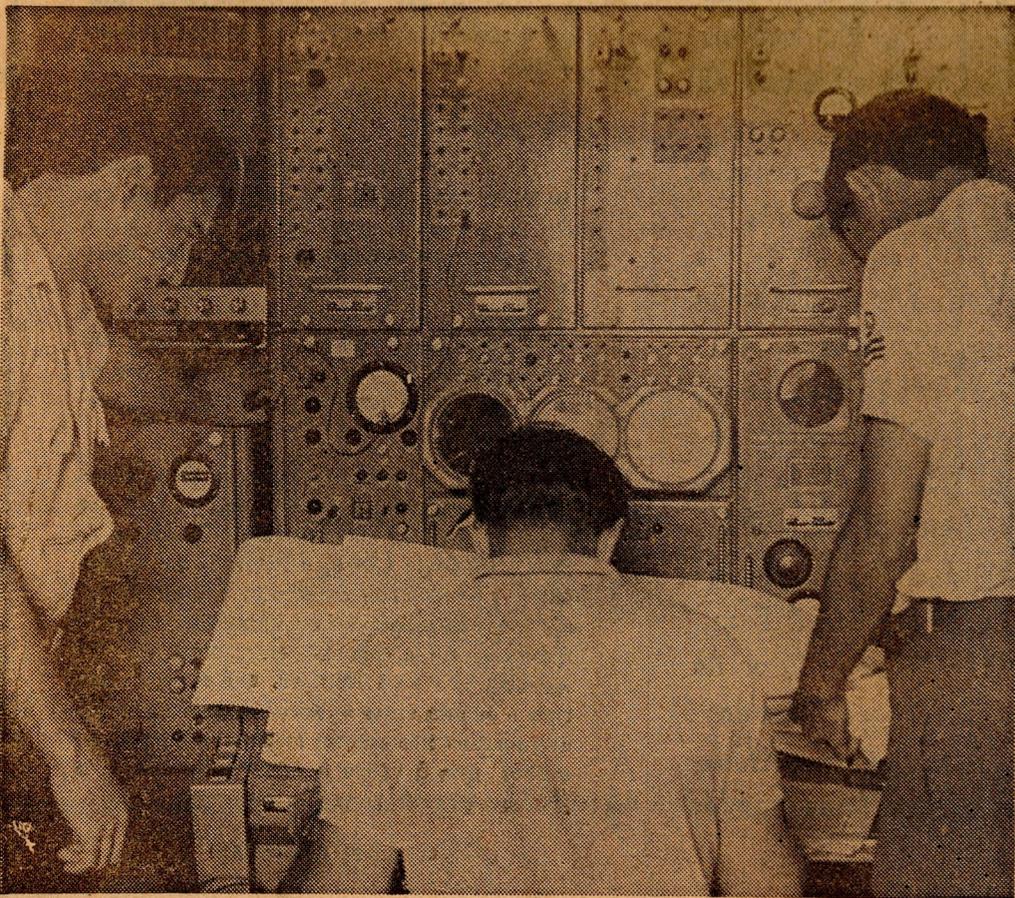


A esteira de fumaça branca que sobe para os lados das dunas que cercam Natal, tôdas semanas não causa mais nenhum espanto ao natalense, que se acostumou a ouvir falar de foguetes e apontar a base da Barreira do Inferno como mais uma consequência da localização privilegiada de sua cidade.

Há mais de três anos — exatamente no dia 15 de dezembro de 1965 — a esteira de fumaça branca que subiu até se perder de vista parou literalmente a cidade e foi assunto durante uma semana no Grande Ponto, onde os desocupados de fim de tarde conversavam e olhavam a passagem das garôtas de mini-saia: Natal entrava na era espacial:



Em dia de lançamento de foguete, todos os equipamentos eletrônicos da Barreira do Inferno entram em ação. Na foto, uma equipe de técnicos estuda informações colhidas de um radar

Base da Barreira do Inferno lança Natal na era do espaço

Reportagem de DJAIR DANTAS — Fotos de ERALDO GOMES

NOVA LINGUAGEM

Hoje, certos nomes que, a princípio, pareciam ter conotações cabalísticas, soam quase que familiarmente aos ouvintes das estações de rádio natalenses, embora os locutores enrolem a língua toda para pronunciá-los, e o façam, sempre errado. Da nomenclatura espacial potiguar fazem parte Nike Apache, Nike-Cajun, Nike-Tomahawk, Aerobee, Javelin, Black Brant (foguetes), anomalia do Atlântico Sul, espectrômetros de massa, cinturão de Van Allen e siglas como NASA, CNAE e GETEPE, que são os organismos responsáveis pelo êxito da Barreira do Inferno.

Por trás dos nomes e das siglas, porém, há um trabalho dos mais sérios no campo da pesquisa meteorologia e espacial. Cada foguete disparado é um dado a mais no intrincado mapa da meteorologia mundial, onde as previsões têm que ser exatas, sobretudo em vésperas de lançamento de astronautas.

FOGUETES E PROGRAMAS

O programa Exametnet foi o primeiro a ser executado pelos técnicos de Barreira do Inferno e se prolonga até hoje, com lançamentos semanais, às quartas-feiras, de foguetes Hasp e Arcas, de fabricação americana, destinados a verificações meteorológicas. São foguetes de pequeno porte e atingem a altitudes que variam de 80 a 120 quilômetros.

O Projeto Safó-PIUB, em cooperação com a Universidade de Bonn, na Alemanha, consistiu do lançamento de um foguete Black Brant IV, de fabricação canadense, para a medição da radiação no Atlântico Sul. O Black Brant é um foguete de dois estágios, movido a propelente sólido, com 11.300 quilos de empuxo, contendo uma carga útil de 55,4 quilos e atinge seu apogeu a 785 quilômetros. Viaja a uma velocidade média de 3.600 metros por segundo e demora 9,8 segundos desde o lançamento até o local de impacto, situado a 450 quilômetros.

Um outro lançamento do Black Brant IV

foi feito em colaboração com a NASA (Agência Americana de Aeronáutica e Espaço) para estudo da radiação do cinturão de Van Allen.

Entre os outros lançamentos, estão os foguetes Aerobee (exames de intensidade e fontes de raios-X na atmosfera por galáxias e por outras fontes externas), num programa conjunto com a NASA e a Universidade Católica de Washington.

Mais dois lançamentos de Aerobees estão previstos para este ano, um para pesquisas do horizonte infra-vermelho e o segundo para medição de intensidade e fontes de raios-X na atmosfera.

Outros programas são os executados através do foguete Nike-Tomahawk (medição do fluxo de nêutrons) e do foguete Javelin, este executado em colaboração com a NASA e com a agência espacial alemã. Um Javelin foi lançado em 1967 para testar seis dos dez experimentos de serão instalados no primeiro satélite alemão, a ser posto em órbita dentro em breve.

O QUE É A CNAE

A Comissão Nacional de Atividades Espaciais — CNAE — representa, para o Brasil, o que a NASA representa para os Estados Unidos e é responsável, juntamente com a Força Aérea Brasileira, pelo papel destacado que o país vem desempenhando no campo dos foguetes de pesquisa.

Resultado do esforço de um homem que não impressiona à primeira vista — o cientista Fernando Mendonça —, mas que, segundo alguns, criou um verdadeiro Instituto Hudson em miniatura na cidade de São José dos Campos, a CNAE prepara-se para tentar uma revolução no campo do ensino, com o Projeto SACI.

O PROJETO SACI

Até agora o Projeto Saci só existe no papel e muitos o consideram tão fantasioso como a figura a quem a sigla identifica. Mas, a mes-

ma confiança e capacidade que conduziram ao que hoje é a base da Barreira do Inferno tornarão realidade o satélite brasileiro de educação, pois SACI significa Satélite Avançado de Comunicações Interdisciplinares.

O representante da CNAE em Natal, sr. Dalton Melo de Andrade, mostra, baseado em prospectos de fábricas de produtos aero-espaciais, que o satélite, afinal de contas, será a parte mais barata de todo o plano. O lançamento poderá ser contratado em qualquer lugar, até na União Soviética, enquanto que a vida útil do artefato está calculada em cinco anos.

«Uma prova de que o satélite torna as coisas mais fáceis e baratas foi a instalação da estação terrestre de Itaboraí, que reduziu o custo das chamadas telefônicas e das comunicações internacionais» — disse.

A primeira fase do projeto SACI começará a ser executada em setembro e será uma experiência para demonstrar que os custos das estações receptoras é relativamente baixo, ao mesmo tempo em que se verificará qual o melhor tipo de antena receptora.

Nessa primeira fase, a Universidade de Stanford, na Califórnia, enviará, através do satélite ATS-III, programas de pós-graduação para os membros da CNAE, nos setores de Engenharia Física, Eletrônica e Matemática. Em contrapartida, do Brasil serão transmitidos para os Estados Unidos programas sobre aspectos sociais e culturais do país.

A última fase do projeto, porém, será o ensino feito através do satélite brasileiro — cujo lançamento está previsto para 1975 — numa proporção e a um custo tão baixo que o fantasma do analfabetismo poderá ser erradicada literalmente. Antes disso, porém, já o satélite americano ATS-G/F poderá transmitir aulas — preparadas no Brasil — para 500 escolas nordestinas.